

HISTÓRIAS DA VISA REAL: A TÉCNICA DE CONTAR HISTÓRIAS COMO UMA ESTRATÉGIA DE SOCIALIZAÇÃO E REFLEXÃO DAS PRÁTICAS EM VIGILÂNCIA SANITÁRIA

Daniella Guimarães Araújo
Marilene Barros de Melo
Gustavo Azeredo Furquim Werneck

Introdução

O campo da vigilância sanitária (VISA) tem buscado várias estratégias no sentido de se consolidar enquanto ação competente em saúde. Tem ampliado seu espectro de atuação indo além das inspeções sanitárias e de ações punitivas e caminhando em direção às abordagens preventivas, dentre elas a utilização de tecnologias diferenciadas de comunicação e processos educativos com a participação dos diversos sujeitos envolvidos.

Nesta perspectiva, procurou-se conhecer a realidade do processo de trabalho em VISA a partir da utilização de narrativas relacionadas às experiências laborais de trabalhadores que compõem a VISA no âmbito nacional. Considerando que as relações destes trabalhadores com setores regulados e cidadãos, poderiam ser reveladoras de uma interação significativa capaz de contribuir para a reflexão sobre o processo de trabalho desenvolvido, o aprimoramento técnico e o empoderamento destes trabalhadores. Uma vez que o ato de contar e ouvir histórias é uma ação de troca, de assumir uma postura crítica e reflexiva. Neste sentido, constituiu-se uma tecnologia denominada de Histórias da VISA Real.

Material e Método

Esta pesquisa, de natureza qualitativa iniciou-se com a definição dos critérios para elaboração das histórias, preparação do edital de participação e, desenvolvimento do instrumento eletrônico - um *hotsite*. A divulgação constituiu-se por meio eletrônico e em alguns fóruns regionais de VISA. Em 70 dias, 113 técnicos escreveram 189 histórias. Para a análise das informações coletadas, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo.

Resultados e Discussão

Para se compreender a realidade do processo de trabalho em VISA através das histórias

relatadas foi necessário ultrapassar as significações da mensagem primeira, buscando os sentidos que estão submersos em segundo plano, de natureza cultural, histórica, política, psicológica e sociológica. A análise das histórias possibilitou responder algumas questões centrais sobre a temática do processo de trabalho em VISA sob a perspectiva de seus trabalhadores. Que, por meio das narrativas desvelaram suas vozes e se incluíram como partícipes da reflexão/ação e com consequente perspectiva de reorientação de práticas.

A partir da técnica de análise de conteúdo apreendeu-se as seguintes categorias: 1- Representação sobre a VISA pelo cidadão/setor regulado, sinalizada em 20,6% das histórias, refletindo a imagem que se tinha da VISA; 2- Representação do Risco, presente em 11,10% das narrativas, relacionava-se à concepção de saúde; 3- Réplica do setor regulado, assinalada em 15,9%, associada à percepção da VISA e do risco; 4- Particularismos, 8% dos relatos, sustentados pelo capital social do reclamante para priorizar a resolução ou a manutenção da situação de risco; 6- Situações Inusitadas, encontradas em 5,8%, possuíam elevado teor cômico ou eram pouco comum; 7- Processo de Trabalho, categoria mais prevalente, 38,6% das histórias expressavam a realidade da vida laboral, retratada nas ações concluídas em VISA; na crítica ao processo de trabalho; na concepção ampliada de saúde; nos sujeitos e riscos envolvidos nesse processo; no imperativo do Poder de Polícia e na alta demanda.

Estruturou-se a seqüência considerando que o referencial da representação é fundamental para a construção da realidade social, ao permitir uma maior compreensão do modo como o sujeito constrói essa realidade, e a partir dela, se orienta. Visto que, os significados assumidos pela experiência individual advêm do confronto com os valores e modelos culturais, atribuindo ao coletivo o pensamento social sobre o risco e a VISA pelo cidadão/setor regulado.

Pode-se perceber em algumas situações em que a qualidade do produto se vinculava apenas à estética, ao sabor: “Eu perguntei.....O Sr. lava suas mãos? Prontamente me respondeu: AHHHHHH, mas é claro que lavo as mãos, quando termino de fazer um tipo de biscoito eu lavo as mãos para amassar o outro tipo de biscoito, porque não pode misturar as farinhas (os ingredientes)”. E, não aos prejuízos que uma massa produzida com poucos cuidados higiênicos pode causar. O equipamento de proteção individual era usado por determinação e não pela compreensão da necessidade de seu uso. Ou ainda, os fatores etiológicos se encontravam distantes da ação de quem produzia a refeição e denominados inadequadamente, como nessa narrativa “...o problema está naqueles ventiladores grandes do refeitório que ficam o tempo todo jogando os *clorifórmios totais* na refeição”.

Deparou-se também com concepções estreitas de Vigilância Sanitária, que tem a função apenas de fiscalizar banheiro. Ou, de uma instituição pouco comprometida com o bem coletivo, visando apenas o controle e a punição – “ Pois é moço, esses cachorros do governo só aparecem

para atrapalhar a vida da gente! Ninguém pode trabalhar honestamente hoje em dia que eles aparecem para incomodar, só sabem exigir e cobrar!”. Nessa narrativa é a dominação pelo poder em si mesmo, onde o governo pode tudo, inclusive governar para si mesmo.

Compreende-se que essa representação desempenha um papel básico para que o setor regulado constitua a sua Réplica, em alguns contextos marcados por ameaças explícitas como “Minha vontade é de amarrar o cabelo de vocês duas e atear fogo...” ou inesperadas: “Bem, esse senhor de olho verde, foi no jardim e pegou uma foice e foi em minha direção [...]”. Além de vir marcadas por concepções particularistas, de maneira a justificar o “perigo” encontrado ou a garantir a sua manutenção, assegurando a poucos direitos que podem comprometer a saúde ou o bem coletivo:

“Qual não foi minha surpresa ao saber, que o secretário mandara reabrir o banco de sangue, menos de duas horas depois”.

“...O rodeio foi interditado diante de vinte mil pessoas que aguardavam. Mas o juiz concedeu liminar de liberação e a interdição é suspensa”.

Evidenciou-se, assim, acontecimentos comuns e incomuns que retratavam pressões, a pressa no modo de se trabalhar, tristezas e alegrias, nostalgias, desejo de mudanças, os feitos e os jeitos de fazer vigilância, as glórias e os sustos. Além de projetos e lições apreendidas nos trajetos, histórias que lembram outras histórias... que retornam ao passado de cada um com vistas aos melhores futuros na trajetória de promover saúde.

Considerações Finais

Esta pesquisa tornou-se um desafio à medida de sua realização e probabilidades de desdobramentos. De um início marcado pela dúvida de sua aceitabilidade entre os trabalhadores aos crescentes incentivos à idéia, ressalta-se a essencialidade do conhecimento das questões de VISA a partir da voz de seus trabalhadores, uma história escrita pelas mesmas mãos que fazem o exercício diário da Vigilância Sanitária e que conseguem perceber seus múltiplos matizes. A interpretação dos textos permitiu compreender que esta tecnologia não é tarefa fácil, pois muitas interações se estabelecem entre as pessoas e fatos, valores e crenças, o que exige aprofundamento das informações e a conjugação coerente dos elementos possíveis de análise o que demanda uma investigação. Cada uma das histórias e cada palavra escrita carregavam em si o conceito de polifonia, seu significado não era dado a priori. Uma vez que, a concepção que se tinha da VISA se associava, a todo momento, aos princípios que norteavam o “saber/fazer” do cidadão e do setor regulado, orientado ou não para o comprometimento com a saúde, o bem coletivo e a co-

responsabilização.

Resgatou-se, ainda, o sujeito trabalhador que a partir do seu fazer cotidiano pode subsidiar a consolidação e/ou o redirecionamento das ações concretas em VISA. Essas narrativas são dispositivos privilegiados para o estudo dos processos de trabalho em Vigilância Sanitária e revelam o contexto situacional e sociocultural de cada colaborador. Uma vez que são construídas sobre fatos reais, muitas vezes distanciados dos narradores oficiais da VISA – gestores e academia, demonstram que novos modos de contar sobre o trabalho são possíveis a partir daqueles que nos atos comuns e ordinários vão tecendo uma narrativa maior que é a narrativa da própria Vigilância Sanitária enquanto missão na defesa da vida.